

Economista afirma que risco cambial faz os juros subirem

SÃO PAULO (O GLOBO) — O Diretor da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo (Fipe-USP), Adroaldo Moura da Silva, afirmou que as taxas de juros bancários não cairão enquanto o Governo não afastar definitivamente o fantasma do risco cambial, “que povoa de pesadelos a noite dos que têm débitos em moeda estrangeira”.

— Para dissipar este espectro chamado maxidesvalorização — acrescentou — os gestores da dívida pressionam o mercado, puxando para cima os juros: para defender-se (fazer hedge) contra a máxi, os empresários tomam recursos em cruzeiros nos bancos e liquidam antecipadamente os vencimentos em dólar, depositando os cruzeiros no Banco Central. Outra forma de proteção é a compra de ORTs cambiais no mesmo valor da dívida. Como o papel é muito procurado, eleva consigo a remuneração oferecida pelos títulos de renda privados, como os Certificados de Depósitos Bancários (CDBs). Como os juros sofrem na captação, eles têm que subir também na aplicação, para manter a margem de ganho do banco.

INFLUÊNCIAS

Segundo cálculos do Economista, a taxa anualizada de uma aplicação



Ciríaco Júnior

Adroaldo Moura da Silva

no overnight é atualmente de 260 por cento. Para concorrer com a remuneração proporcionada pelos papéis do Governo, os bancos precisam oferecer rendimentos semelhantes. As principais determinantes das taxas de juros internas são, de acordo com Adroaldo Moura da Silva o juro externo, a política cambial e a expectativa da desvalorização futura real do cruzeiro.

— E o último pacote do Governo não mexeu em nenhuma delas. Ao contrário, o pacote contribuiu para o aumento das taxas. Embora se tenha decidido pela eliminação dos controles sobre a expansão do crédito e pela redução do IOF, o pacote contraiu ainda mais a liquidez, ao aumentar o depósito compulsório

dos bancos e antecipar a cobrança do imposto de renda deles. Como há uma ânsia no mercado em busca de cruzeiros para pagar os débitos em dólares, antes do prazo, e como a oferta de cruzeiros nos bancos foi encolhida pelo pacote, as taxas só podem subir.

O Banco Central está, segundo o economista, fazendo exatamente o contrário do que deveria: ao invés de assumir o abacaxi, passa-o adiante. Adroaldo Moura da Silva propõe para que os juros internos possam cair, que o BC assumo o risco cambial permitindo que todo o passivo expresso em moeda estrangeira seja corrigido pela variação da correção monetária.

— As pessoas parecem não estar conscientizadas de que o Brasil quebrou. E parece que o Governo não está consciente de que precisa administrar esta massa falida com competência. E essa administração competente começa por livrar empresas estatais e privadas da agonia de terem débitos expressivos em moeda estrangeira, sujeitos à correção pela variação cambial. Isto é: livrá-los dos pesadelos representado pelos cruzeiros equivalentes a US\$ 55 bilhões, que é o montante do débito “externo” das estatais e empresas privadas.